

**T**enho umas comportas instaladas nas têmeoras. Fecham na vertical, como as do metro, e tapam-me a cara toda. Podemos representá-las com as mãos, fazendo o cucu dos bebés. A mamã onde está, a mamã onde está? Aquiíiiiiii!, e no aqui as mãos afastam-se e o miúdo solta uma gargalhada. As comportas das minhas têmeoras não são feitas de mãos, mas de um material liso, resistente e transparente, rematado por uma borracha que garante fecho e abertura insonorizados, e o seu hermetismo. Assim exactamente são as comportas do metro. Mesmo que possamos ver perfeitamente o que está do outro lado, são o suficientemente altas e escorregadias para não conseguires nem saltá-las nem agachares-te e passares por baixo. Assim também, quando as minhas comportas se fecham, se me mete na cara uma dura máscara transparente que me permite ver e ser vista, e parece que não há nada entre mim e o exterior, mesmo que na verdade a informação tenha deixado de fluir de um lado para o outro e se limite a emitir os estímulos da sobrevivência mais elementar. Para contornar as comportas do metro temos de nos empoleirar na máquina que pica os bilhetes e que por sua vez serve de engrenagem e separação entre um par de comportas e o outro. Ou isso ou pagar o bilhete, claro.

Às vezes não são uma dura máscara transparente, as minhas comportas, e sim uma montra na qual contemplo algo que não posso comprar, ou em que sou eu a contemplada, desejada por um outro que me deseja comprar. Falo destas minhas comportas não em sentido figurado. Estou a tentar ser o mais literal possível, explicar a mecânica. Em miúda não percebia as letras das canções porque estavam cheias de eufemismos, de metáforas, de elipses, enfim, de uma retórica asquerosa, de asquerosas demarcações de significados predeterminados dentro dos quais «mulher contra mulher» não quer dizer duas mulheres a lutar e sim duas mulheres a foder. Quão retorcido, quão subliminar, quão antiquado. Se pelo menos dissessem «mulher e mulher»... Mas não: tem de se notar o menos possível que ali há duas gajas a lamber a cona uma à outra.

As minhas comportas não são metáfora de nada, nada com que eu pretenda referir uma barreira psicológica que me abstrai do mundo. As minhas comportas são visíveis. Em cada têtpora há uma dobradiça retráctil. Das têtporas até ao maxilar abrem-se umas enormes ranhuras através das quais cada comporta abre e fecha. Quando estão inactivas, alojam-se-me atrás do rosto, ocupando cada uma a sua metade reversa: meia testa, um olho, meio septo, um dos orifícios nasais, uma bochecha, meia boca e meio queixo.

A última vez que se activaram foi na aula de dança contemporânea de anteontem. A professora dançou seis ou sete prazerosos e felizes segundos para si própria, e depois mostrou-nos a coreografia um pouco mais devagar, já que devíamos memorizá-la, repeti-la. Voltou a carregar no play e foi a primeira a plantar-se em frente ao espelho para que a imitássemos. Para mim é fácil imitá-la, se for devagar. Sigo-lhe os movimentos com um segundo ou menos de atraso, que é o tempo de que preciso para olhar para ela de esguelha e recordar o que vem a seguir, mas executo os movimentos intensa e rotundamente, e isso deixa-me satisfeita, faz-me sentir que sou uma boa bailarina. Eu sou uma boa bailarina. Mas desta vez à professora apetecia-lhe mais dançar do que ensinar a dançar, e eu não consegui segui-la. Contou

cinco-seis-sete-oito e arrancou, cabelo ao vento que ela própria levantava, legendando por sobre a música e sem parar os passos que ia fazendo. Dobradiças retrácteis que se activam, tábuas de poliuretano que límpida e silenciosamente deslizam do reverso da cara para o seu anverso e se selam. Então já não danço, balbucio contrariada. Deixo uns passos a meio, salto outros, imito as minhas colegas mais adiantadas para ver se acerto o passo e finalmente paro, enquanto as outras ainda dançam, encosto-me à parede e fico a olhar para elas. Parece que estou a prestar grande atenção para aprender a coreografia muito bem, mas não é nada disso. Não estou a desconstruir em séries de movimentos o novelo desfeito da dança, não estou a pegar na ponta do novelo para me não perder no labirinto de direcções que é a dança. O que estou a fazer é a brincar com o novelo como uma gatinha, a observar a matéria dos corpos e da roupa das minhas colegas.

Entre as sete ou oito alunas há um aluno. É um homem, mas é sobretudo um macho, comprovando constantemente a sua hombridade num grupo composto por mulheres. Usa desbotadas cores berrantes, barba malfeita, cabelo comprido, e está sempre pronto a apelar à comunidade e à cultura. Por outras palavras, um fascista. Para mim, fascista e macho são sinónimos. Ele dança com enorme dificuldade, é feito de madeira. Isso não é em absoluto censurável, como também o não devem ser as minhas comportas, das quais todas as mulheres se aperceberam, deixando-me em paz. E, no entanto, o macho fingiu não as ver, e após concluir a coreografia que eu tinha abandonado, veio até junto de mim para me explicar no que é que eu me tinha enganado e ofereceu-se para me corrigir. Não só o corpo, também o seu cérebro é feito de madeira e, isto sim é censurável. Sim sim, claro, respondi eu, sem me mexer. Se tiveres alguma dúvida, podes perguntar sempre que quiseses, concluiu, sorridente. Mãezinha do Céu, ainda bem que as comportas estavam fechadas e que a machice me atingiu já amortecida pelo meu total desinteresse por tudo o que me rodeava. Eis um excelente exemplo de quando as comportas são uma montra atrás da qual eu fico intocavelmente exposta.

Não é que não conseguisse seguir a coreografia, é que anteontem não me apetecia segui-la, não me apetecia dançar coordenada com sete desconhecidas e um macho, não me apetecia masturbar os sonhos de coreógrafa da dançarina que acabou como professora num centro cívico municipal e não me apetecia fingir que temos o nível de uma companhia profissional de dança quando na verdade não passamos de um grupo de miúdas numa creche para adultos, e isto de uma pessoa ter vontade de não fazer nada, as pessoas não o percebem.

Não sei se com o totalitarismo de Estado seria menos infeliz, mas foda-se para o totalitarismo do Mercado, diz-me a minha prima, que hoje soluçou na assembleia da PAH, quando percebeu que para ter acesso a uma casa de renda acessível tem de ganhar no mínimo mil e vinte e cinco euros por mês. Não chores, Marga, digo-lhe eu, oferecendo-lhe um lenço. Tens de te consolar com o facto de o Mercado agora ter nome de mulher: é o totalitarismo do Mercadona, onde as câmaras de vigilância não estão localizadas nos corredores, mas em cima das cabeças dos empregados, e é por isso que nós podemos surripiar o desodorizante e os pensos higiénicos e até tirar preservativos das caixas, que têm um alarme que apita, e metê-los nos bolsos. Tenho insistido com a Margarita para mudar para o copo menstrual, para deixar de surripiar pensos higiénicos e tampões, assim fica com espaço na mala para mais coisas, para o mel, por exemplo, para o colacao, tão caro. Ela diz-me que o copo menstrual custa trinta euros, que não tem trinta euros e que nos supermercados não há copos, só nas farmácias, e que nas farmácias é difícilimo surripiar seja o que for, ali sim, as câmaras focam o cliente, e além disso as portas tocam sempre que alguém entra ou sai. Eu tentei surripiar um copo menstrual

para uma amiga que fazia anos e é verdade que não encontrei nenhum, nem sequer no El Corte Inglés, e é verdade que as farmácias complicam a coisa. Mas e se for uma farmácia cujo farmacêutico seja muito velho, e se for de noite e estiver de serviço? Devias parar de surripiar preservativos e passar a usar a pílula, diz-me ela, porque o bocadinho que perdes a abrir os quarenta plásticos da caixa dá muita cana. É que nem pensar, andar toda chutada de hormonas, sistematicamente medicada de modo a dar ao macho o prazer de não ter de tirá-la. Não sei que raio tem a pílula de emancipador. Os dermatologistas receitam-na para as borbulhas das miúdas, porque naturalmente o acne juvenil é uma doença e não tem nada que ver com ser-se mais ou menos bonito, não, nem com ser-se um depósito seminal, de todo. Trata-se da saúde das nossas adolescentes, eu é que não percebo? Uma pessoa não pode ser promíscua sem preservativo, Marga, nem que seja por causa das doenças sexualmente transmissíveis, nem que seja só por isso. Ah, e isso já são doenças, não?, responde ela. Ai não?, respondo eu. Mas se a sida não existe, Nati, que conversa é essa. Nem um por cento da população. Há mais suicídios em Espanha por ano do que pessoas diagnosticadas com sida. Só que eu não fodo com espanhóis, Marga, são todos uns fascistas. Foda-se, Nati, és mais reaccionária que o cálice sagrado. E tu és uma hippie, vê lá mas é se cortas essa juba.